

Orquestra Sinfónica

do Porto Casa da Música

Stefan Blunier direcção musical

Eduarda Melo soprano

Christine Rice meio-soprano

Toby Spence tenor

18 Set 2021 · 18:00 Sala Suggia

MÚSICA E VINHO



casa da música

MECENAS MÚSICA E VINHO



S O G R A P E



Maestro Stefan Blunier sobre o programa do concerto.
[VIMEO.COM/605003825](https://vimeo.com/605003825)

MEENAS CICLO MDS

MDS

A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE



Johann Strauss II

Vinho, Mulheres e Canções, valsa op. 333 (1869; c.7min)

Alban Berg

O Vinho, ária de concerto para soprano¹ (1929; c.15min)

Gustav Mahler

A Canção da Terra, para tenor, meio-soprano e orquestra² (1907-1909; c.65min)

1. Canção de Beber da Tristeza da Terra (tenor)
2. O Solitário no Outono (meio-soprano)
3. Da Juventude (tenor)
4. Da Beleza (meio-soprano)
5. O Bêbado na Primavera (tenor)
6. A Despedida (meio-soprano)

¹ Solista: Eduarda Melo;

Versão alemã e tradução portuguesa dos poemas nas páginas 6 e 7.

² Solistas: Christine Rice e Toby Spence;

Poemas originais e tradução portuguesa nas páginas 8 a 13.

Música e vinho na Viena Romântica e Modernista

O presente concerto, integrado no ciclo *Música e Vinho*, apresenta obras de compositores associados a Viena escritas entre 1869 e 1929. Nesses 60 anos, a cidade assistiu a grandes transformações culturais, para as quais as artes contribuíram de forma determinante. O espectro do programa do concerto é alargado. Do entretenimento ligeiro dos bailes vienenses ao Simbolismo modernista, passando pelas idiosincrasias estilísticas de Gustav Mahler, percorre várias formas de ver o vinho e a música.

“Vinho, Mulheres e Canções” é um mote atribuído a Martinho Lutero que se tornou um tropo cultural germânico. Assim, foi revisitado por poetas, artistas visuais e músicos ao longo de vários séculos. *Vinho, Mulheres e Canções* foi escrita por **Johann Strauss II** (Viena, 1825 — Viena, 1899) em 1869. Nessa altura, a orquestra da família Strauss entretinha a sociedade vienense, espelhando uma cultura de música ligeira cultivada em salões de baile, jardins e restaurantes. A peça consiste numa sequência de quatro valsas, precedidas de uma introdução e seguidas de uma curta coda. A primeira versão de *Vinho, Mulheres e Canções* foi escrita para a Associação Coral Masculina de Viena, um coro amador com o qual Strauss desenvolveu uma colaboração significativa. A letra da peça foi escrita pelo humorista Josef Weyl. No mesmo ano, foi apresentada a versão instrumental que integra o programa deste concerto.

Uma longa introdução lenta e estática antecede as valsas. A sua melodia sinuosa circula entre os naipes de orquestra através do recurso contido ao contraponto. Segue-se uma secção leve em que se destacam as acentuações, conduzindo a uma fanfarra solene e vertical pontuada pela percussão. Uma breve transição

prepara a textura de valsa que permeará o resto da obra. A primeira valsa caracteriza-se pela regularidade e pela leveza, sublinhadas por intervenções dos trompetes e da percussão. A melodia ornamentada por apojecturas pontifica na primeira secção da valsa seguinte, cedendo lugar a uma secção lírica que recorre aos *crescendi* como mecanismo expressivo. O carácter lírico e nostálgico da terceira valsa transporta-nos a uma secção mais rústica que evoca danças camponesas, como o *ländler*. A última valsa é conduzida por uma melodia que se desenrola em torno de notas longas. A leveza do início contrasta com uma secção viva e brilhante que leva a uma curta e movimentada coda, terminando a obra com um rufo de caixa.

Do Romantismo flutuante da música para dançar, passamos ao Simbolismo filtrado através do Expressionismo. Charles Baudelaire, poeta francês, foi uma figura tutelar para novas correntes artísticas. Os seus quadros da vida moderna (para empregar a terminologia cunhada por Walter Benjamin) constituíram-se enquanto referências para o Modernismo emergente e influenciaram muitos criadores. Figuras como a sinestesia e o fascínio do poeta por Wagner foram metabolizadas por vários escritores destacados. Um deles foi Stefan George, personalidade fundamental do Simbolismo germânico. Muitos poemas de George foram musicados por elementos ligados à Segunda Escola de Viena. Paralelamente, o poeta traduziu autores como Dante, Shakespeare e Baudelaire para alemão.

Der Wein, ária de concerto escrita por **Alban Berg** (Viena, 1885 — Viena, 1935) em 1929, é baseada em poemas de Baudelaire traduzidos por George. Nessa altura, o compositor encontrava-se absorvido pela escrita de *Lulu*, uma ópera baseada em duas peças de teatro de Frank Wedekind. *Der Wein* resulta de uma



Alban Berg fotografado por Max Fenichel, 1930

encomenda da cantora Růžena Herlingerová. Num período em que Berg orquestrava obras de juventude para apresentar em público, *Der Wein* foi um importante veículo de experimentação para as técnicas empregues em *Lulu*. Na estreia da obra em Königsberg, a 4 de Junho de 1930, Herlingerová e a orquestra contaram com a direcção de Hermann Scherchen, grande promotor do modernismo vienense.

Der Wein baseia-se em três poemas de Baudelaire retirados de *As Flores do Mal*, ligados através de interlúdios instrumentais que enfatizam a continuidade da ária. A composição parte de uma série dodecafónica com ressonâncias tonais e recorre a uma instrumentação particular, em que se destacam o piano e o saxofone. Obra de expressividade intensa, estiliza elementos da música popular de forma a criar um efeito de estranhamento.

Uma atmosfera misteriosa criada pelos instrumentos graves marca o início da obra.

O adensamento da textura contrapontística torna-se mais dissonante à medida que o âmbito sonoro se estende para os agudos. A solista entra de forma afirmativa com “Die Seele des Weines” (“O Daimon do Vinho”), poema em que a alma do vinho ecoa de dentro das garrafas. Nele, o líquido é associado à energia e à poesia. Elementos como o recurso a melodias angulares, o oscilar do registo vocal entre o falado e o dramático e a irregularidade rítmica destacam-se numa secção que exige uma ampla tessitura da cantora. Uma estilização grotesca do tango, género sul-americano em voga na época, é sublinhada por instrumentos cujo timbre remete para as *jazz-band* da época. A distorção do popular, que emerge na produção de Gustav Mahler, é prolongada pelo Modernismo vienense.

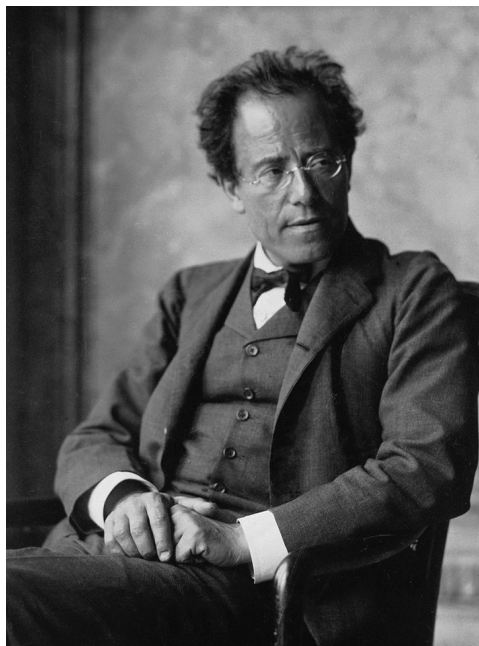
Em “Der Wein der Liebenden” (“O Vinho dos Amantes”) pontifica o dramatismo, que explora o registo expressivo da cantora. O recurso a transições instrumentais de cariz camerístico remete para a abordagem de Mahler, figura que influenciou Alban Berg de forma determinante. Um portamento de clarinete anuncia uma secção marcada pela sobreposição de células dissonantes. O poema tem um ambiente de fantasia e caracteriza o encontro de dois amantes, comparados a anjos.

Der Wein termina com “Der Win des Einsamen” (“O Vinho do Solitário”), apresentado pela solista no registo quase declamado. A atmosfera de solidão é reforçada por uma textura esparsa em que prevalece o timbre escuro da orquestração, sublinhando a dissonância. Uma secção com ritmo regular apoia a cantora no final de um poema em que um sujeito poético solitário observa o mundo que o rodeia e interpela, directamente, a garrafa de vinho. Dor, embriaguez e orgulho numa obra singular.

Gustav Mahler (Boémia, 1860 — Viena, 1911) foi reconhecido como um dos grandes directores de orquestra do Romantismo tardio. A sua exigência e rigor colocou essa actividade num patamar que lhe granjeou fama internacional. Contudo, foi preciso esperar pelo início do século XX para a música escrita por si ter algum sucesso. *A Canção da Terra* é uma das últimas obras de grande fôlego do compositor e encarna o seu estilo tardio, apresentando tensões estilísticas, formais e conceptuais pronunciadas. É baseada em poesia chinesa escrita durante a Dinastia Tang (618-907), que Hans Bethge adaptou livremente, a partir de traduções pré-existentes, e fez publicar, em 1907, com o título *Die chinesische Flöte*.

Escrita entre 1908 e 1909, *A Canção da Terra* encarna o hibridismo formal do tardo-Romantismo. Por um lado, é um conjunto de canções para voz e orquestra, como outros escritos por Mahler. Por outro, a unidade temática confere-lhe uma continuidade sinfónica. A obra foi composta num período negro da vida do compositor. Em 1907, Mahler viveu três acontecimentos traumáticos: a morte da filha Maria Anna, de escarlatina e difteria, o diagnóstico da doença cardíaca que o viria a vitimar e que condicionou a sua actividade, e o despedimento do cargo de director da Ópera de Viena. Nessa época, o recrudescimento do anti-semitismo no Império Austro-Húngaro teve um grande impacte no mundo artístico e marcou o final dos anos dourados da Viena burguesa e liberal. Assim, prenunciou a tragédia que chegou com a Primeira Guerra Mundial e o desmembramento do império após a derrota.

A Canção da Terra foi estreada postumamente, em Munique, a 20 de Novembro de 1911; o seu efectivo inclui instrumentos menos convencionais, como o bandolim, usados solisticamente e com fins expressivos. A obra encarna



Gustav Mahler fotografado por Moritz Nähr, 1907

o conflito tenso e, aparentemente, irresolúvel entre o Homem e a Natureza numa época de intensa industrialização. Mahler passava as férias compondo e em grandes caminhadas pelo campo e pelas montanhas austríacas. As suas obras integravam, de forma mais ou menos literal, alguns sons que ouvia nesses passeios. A presença de motivos condutores remete para as heranças wagneriana e bruckneriana. Paralelamente, a condução musical da obra assenta no contraponto, que sobrepõe melodias e contribui para focar a atenção do ouvinte nos poemas.

A Canção da Terra foi escrita para tenor, contralto (ou barítono) e orquestra, e os solistas alternam entre si. A primeira canção, “Das Trinklied vom Jammer der Erde” (“Canção de Beber da Tristeza da Terra”), é escrita sobre um poema de Li Bai que mistura embriaguez com desespero. Uma curta célula marca o início da peça e será revisitada frequentemente. O

registro dramático do tenor explora um âmbito alargado e a obra interpola episódios contrastantes com um refrão. As oscilações de tempo, o diferimento das resoluções e o lirismo emergem numa textura que trata a orquestra como um conjunto de agrupamentos de câmara. Os pequenos interlúdios instrumentais enfatizam a diversidade tímbrica da obra, preparando um final etéreo. A recuperação do *leitmotiv* inicial conduz a canção ao final.

Os instrumentos de sopro destacam-se na canção seguinte, “Der Einsame im Herbst” (“O Solitário no Outono”), baseada num poema de Qian Qi. O Outono é um cenário de mudança no coração de um sujeito poético solitário. A tristeza e o desespero sobressaem numa canção em que as melodias ondulantes, sobrepostas em heterofonia, ocupam um lugar central. As longas melodias em *legato* do contralto encarnam a expressividade tardo-romântica de uma forma especial. Nesta abordagem, o recurso ao cromatismo e às pausas como criadores de efeito dramático é fulcral.

Uma atmosfera estática representa uma meditação de Outono, com o oboé em destaque. “Von der Jugend” (“Da Juventude”) é uma evocação da juventude que estiliza o pentatonismo da música chinesa. O exotismo orientalista encontra-se bem presente numa canção leve e lúdica que traduz o canto dos pássaros em motivos interpretados pelos sopros. A rusticidade, reforçada pela repetição, marca a atmosfera da canção baseada num poema de Li Bai.

Li Bai é também o autor do texto de “Von der Schönheit” (“Da Beleza”), uma canção de características populares em forma ABA'. A contemplação de um pavilhão de porcelana evoca memórias de juventude, representadas pela leveza e pelos trilos. A sobreposição de elementos díspares no final mostra a

recapitulação abreviada dos materiais iniciais, criando um caos sonoro.

A embriaguez faz o seu regresso em “Der Trunkene im Frühling” (“O Bêbado na Primavera”), igualmente baseada num poema de Li Bai. O carácter animado e leve captura a desconexão entre a euforia causada pelo álcool e a realidade. O registro vocal contrasta de forma tensa com a atmosfera criada pela orquestra. A interação entre o concertino e o solista marca uma canção que encarna a ambivalência do sujeito poético em relação à Natureza.

A *Canção da Terra* termina com uma longa abordagem sinfónica a dois poemas. O texto de “Der Abschied” (“A Despedida”) foi escrito por Mong Kao Yen e Wang Wei e versa sobre a despedida. Com versos adicionados por Mahler, tem início com uma longa nota grave. A atmosfera misteriosa prepara a entrada do oboé, à qual os aerofones de bocal respondem. A sinuosidade das melodias representa a procura, numa canção cujo tratamento musical se encontra muito próxima do texto poético. A entrada do contralto, interagindo com a flauta que recupera a célula inicial da canção, é empreendida com grande dramatismo. Um andamento de cariz rapsódico apresenta episódios de cariz circular e pentatónico e secções em que se destacam instrumentos como o bandolim, a harpa e a celesta. A espera, o encontro e a despedida são conduzidos pela orquestra, da imaterialidade de uma nota aos *tutti*, até serem submergidos no *pianissimo* final.

JOÃO SILVA, 2021

Alban Berg

Der Wein/O Vinho

sobre três poemas de *As Flores do Mal* de Charles Baudelaire, traduzidos para alemão por Stefan George

Die Seele des Weines

*Des weines geist begann im faß zu singen:
Mensch — teurer Ausgestoßener — dir soll
Durch meinen engen kerker durch erklingen
Ein lied von licht und bruderliebe voll.*

*Ich weiß: am sengendheißen bergeshange
Bei schweiß und mühe nur gedeih ich recht
Da meine seele ich nur so empfangen,
Doch bin ich niemals undankbar und schlecht.*

*Und dies bereitet mir die größte labe,
Wenn eines arbeit-matten mund mich hält
Sein heißer schlund wird mir zum süßsen grabe
Das mehr als kalte keller mir gefällt.*

*Du hörst du den sonntagsang aus frohem
schwarme?
Nun kehrt die hoffnung prickelnd in mich ein:
Du stülpst die ärmel — stüttest beide arme
Du wirst mich preisen und zufrieden sein.*

*Ich mache deines weibes augen heiter
Und deinem sohne leih ich frische kraft.
Ich bin für diesen zarten lebensstreiter
Das öl, das fechten die gewandtheit schafft.*

*Und du erhältst von diesem pflanzenseime
Den gott — der ewige sämann — niedergießt,
Damit in deiner brust die dichtung keime,
Die wie ein seltner baum zum himmel sprießt.*

O Daimon do Vinho

Ó homem querido deserdado
Cantava pela tarde o daimon do vinho nas garrafas
Da minha prisão de vidro e de lacre
Te envio uma canção de luz e de fraternidade;

Não penses que ignoro quanto trabalho suor
e sol a pique
Foi preciso reunir nas colinas em chama
Para fazer de mim um daimon actuante
Estou-te grato. Não te farei mal.

É imensa a alegria que sinto
Quando deslizo pelas goelas do trabalhador
cansado,
O seu peito quente é uma jazida muito mais
do meu agrado
Do que as caves frias onde me conservo.

Não ouves as canções de domingo passando
de boca em boca?
E a esperança que chilreia no meu seio palpitante?
De cotovelos na mesa e de mangas arregaçadas
Teu júbilo crescente à minha glória canta.

Darei luz aos olhos da tua mulher rediviva
A teu filho, força e cores vitais
Serei para esse frágil atleta da vida.
O óleo que endurece seus músculos de lutador.

Sou uma ambrósia vegetal, eu sei.
Uma semente preciosa lançada pelo Semeador
Em ti cairei para que do nosso enlace nasça a flor
rara do poema
Falarás, de igual para igual, com esse Criador.

Der Wein der Liebenden

*Prächtigt ist heute die weite
Stränge und sporen beiseite
Reiten wir auf dem wein
In den feenhimmel hinein!*

*Engel für ewige dauer
Leidend im fieberschauer
Durch des morgens blauen kristall
Fort in das leuchtende all!*

*Wir lehnen uns weich auf den flügel
Des windes, der eilt ohne zügel.
Beide voll gleicher lust*

*Laß, schwester, uns brust an brust
Fliehn ohne rast und stand
In meiner träume land!*

Der Wein des Einsamen

*Der sonderbare blick der leichten frauen,
Der auf uns gleitet wie das weiße licht
Des mondes auf bewegter wasserschicht,
Will er im bade seine schönheit schauen*

*Der letzte thaler au dem spielertisch
Ein frecher kuß der hageren Adeline;
Erschlaffenden gesang der violine,
Der wie der menschheit fernes
qualgezisch —*

*Mehr als dies alles schätz ich — tiefe
flasche —
Den starken balsam, den ich aus dir nasche
Und der des frommen dichters müdheit bannt.*

*Du gibst ihm hoffnung, liebe, jugendkraft
Und stolz — dies ertheil aller bettlerschaft,
Der uns zu helden macht und gott verwandt.*

O Vinho dos Amantes

No espaço esplêndido de agora
Sem freio nem esporas
Montemos à rédea solta o daimon do vinho
Para um céu feérico e divino!

Como dois anjos torturados
Por um implacável delírio em fúria
No cristal azul da manhã
Corramos atrás da miragem do destino!

Baloçando docemente sobre a asa!
Do turbilhão inteligente
Num delírio partilhado

Irmão e irmã nadando lado a lado
Fugiremos sem pausa nem repouso
Para o sonhado paraíso que nos chama.

O Vinho do Solitário

O olhar convite que da mulher galante desliza
Até nós como o fio de luz branca
Que a lua ondeante envia ao lago trémulo
Quando nas suas águas lança sua beleza
indolente;

As últimas moedas ainda em posse do jogador;
O beijo libertino da línea Adeline;
A sonoridade de uma música enervante e meiga
Que nos lembra o grito ao longe de uma humana
dor,

Tudo isso é nada, ó garrafa profunda,
Comparado ao bálsamo penetrante que teu
rondo fecundo
Instila no coração alterado do poeta unido ao
inspirado.

Trazes-lhe esperança juventude e vida
E, sobretudo, a língua da serpente genésica,
o orgulho
Que nos torna triunfantes e a deuses
semelhantes.

Gustav Mahler

Das Lied von der Erde/A Canção da Terra

1. Das Trinklied vom Jammer der Erde

(Hans Bethge/Li Bai)

*Schon winkt der Wein im goldnen Pokale,
doch trinkt noch nicht, erst sing ich euch ein
Lied!*

*Das Lied vom Kummer
soll auflachend in die Seele euch klingen.
Wenn der Kummer naht,
liegen wüst die Gärten der Seele,
welkt hin und stirbt die Freude, der Gesang.
Dunkel ist das Leben, ist der Tod.*

*Herr dieses Hauses!
Dein Keller birgt die Fülle des goldenen Weins!
Hier, diese Laute nenn' ich mein!
Die Laute schlagen und die Gläser leeren,
das sind die Dinge, die zusammen passen.
Ein voller Becher Weins zur rechten Zeit
ist mehr wert, als alle Reiche dieser Erde!
Dunkel ist das Leben, ist der Tod.*

*Das Firmament blaut ewig
und die Erde wird lange fest stehen
und aufblüh'n im Lenz.
Du aber, Mensch, wie lang lebst denn du?
Nicht hundert Jahre darfst du dich ergötzen
an all dem morschen Tande dieser Erde!*

*Seht dort hinab! Im Mondschein auf den
Gräbern
hockt eine wild-gespenstische Gestalt!
Ein Aff ist's! Hört ihr, wie sein Heulen
hinausgellt in den süßen Duft des Lebens!*

*Jetzt nehmt den Wein! Jetzt ist es Zeit,
Genossen!
Leert eure goldnen Becher zu Grund!
Dunkel ist das Leben, ist der Tod!*

Canção de Beber da Tristeza da Terra

Já o vinho vos acena na sua taça dourada,
mas não bebais ainda, antes que vos cante uma
canção!

A canção do desgosto
ressoa como uma gargalhada nas vossas almas.
Quando o desgosto sutura,
ficam desolados os jardins da alma,
esmorecem e morrem a alegria e os cantos.
Sombria é a vida, é a morte.

Senhor desta casa!
A tua cave está cheia de vinho dourado!
Aqui chamo meu a este alaúde!
Tanger o alaúde e esvaziar os copos
são coisas que juntas ficam bem.
Uma taça cheia de vinho no momento certo
vale mais do que todos os reinos desta terra!
Sombria é a vida, é a morte.

O firmamento é de um azul eterno
e a terra longo tempo durará ainda
e florescerá na Primavera.
Mas tu, homem, quanto tempo vives tu?
Não tens cem anos para gozar
de todas as caducas futilidades desta terra!

Olhem lá em baixo! Ao luar, sobre as
sepulturas
acocora-se uma fantasmagórica figura!
É um macaco! Escutem como o seu uivo,
rasga o doce aroma da vida!

Agora, tomai o vinho! Agora é tempo,
companheiros!
Esvaziai as vossas taças douradas até ao fundo!
Sombria é a vida, é a morte!

2. Der Einsame im Herbst

(Hans Bethge/Qian Qi)

*Herbstnebel wallen bläulich überm See;
vom Reif bezogen stehen alle Gräser;
man meint, ein Künstler habe Staub vom Jade
über die feinen Blüten ausgestreut.*

*Der süße Duft der Blumen ist verfliegen;
ein kalter Wind beugt ihre Stengel nieder.
Bald werden die verwelkten, goldnen Blätter
der Lotosblüten auf dem Wasser zieh'n.
Mein Herz ist müde.*

*Meine kleine Lampe Erlosch mit Knistern;
es gemahnt mich an den Schlaf.
Ich komm zu dir, traute Ruhestätte!
Ja, gib mir Ruh, ich hab Erquickung not!*

*Ich weine viel in meinen Einsamkeiten.
Der Herbst in meinem Herzen währt zu
lange.*

*Sonne der Liebe, willst du nie mehr scheinen,
um meine bitteren Tränen mild
aufzutrocknen?*

O Solitário no Outono

A névoa azulada de Outono flutua sobre o lago;
cobrindo de geada cada lâmina de relva;
dir-se-ia que um artista espalhou pó de jade
sobre as delicadas florações.

O doce perfume das flores desvaneceu-se;
um vento frio curva as suas hastes.

Em breve, as murchas folhas douradas
das flores de lótus partirão nas águas.

O meu coração está cansado.

A minha pequena lâmpada extinguiu-se com
um estalo;

convencendo-me a dormir.

Venho até ti, caro lugar de repouso!

Sim, dá-me descanso, necessito de conforto!

Choro muito na minha solidão.

O Outono prolonga-se demasiado no meu
coração.

Sol do amor, não voltarás tu a brilhar,
e as minhas lágrimas amargas ternamente
secar?

3. Von der Jugend

(Hans Bethge/Li Bai)

*Mitten in dem kleinen Teiche
steht ein Pavillon aus grünem
und aus weißem Porzellan.*

*Wie der Rücken eines Tigers
wölbt die Brücke sich aus Jade
zu dem Pavillon hinüber.*

*In dem Häuschen sitzen Freunde,
schön gekleidet, trinken, plaudern,
manche schreiben Verse nieder.*

*Ihre seidnen Ärmel gleiten
rückwärts, ihre seidnen Mützen
hocken lustig tief im Nacken.*

*Auf des kleinen Teiches stiller
Wasserfläche zeigt sich alles
wunderlich im Spiegelbilde.*

*Alles auf dem Kopfe stehend
in dem Pavillon aus grünem
und aus weißem Porzellan;
wie ein Halbmond steht die Brücke,
umgekehrt der Bogen.
Freunde, schön gekleidet, trinken, plaudern.*

Da Juventude

No meio do pequeno lago
está um pavilhão de porcelana
verde e branca.

Como as costas de um tigre
arqueia-se a ponte de jade
de encontro ao pavilhão.

Na pequena casa, amigos estão sentados,
bem vestidos, bebem, conversam;
alguns deles escrevem versos.

As suas mangas de seda deslizam
para trás, os seus bonés de seda
travessamente recolhidos no fundo da nuca.

Na calma superfície do
pequeno lago, tudo se reflecte
singularmente, como num espelho

Tudo está às avessas
no pavilhão de porcelana
verde e branca;
a ponte é como uma meia-lua,
com o seu arco invertido.
Amigos, bem vestidos, bebem, conversam.

4. Von der Schönheit

(Hans Bethge/Li Bai)

*Junge Mädchen pflücken Blumen,
pflücken Lotosblumen an dem Uferrande.
Zwischen Büschen und Blättern sitzen sie,
sammeln Blüten in den Schoß und rufen
sich einander Neckereien zu.*

*Goldne Sonne webt um die Gestalten,
spiegelt sie im blanken Wasser wider.
Sonne spiegelt ihre schlanken Glieder,
ihre süßen Augen wider,
und der Zephir hebt mit Schmeichelkosen
das Gewebe ihrer Ärmel auf,
führt den Zauber ihrer Wohlgerüche durch
die Luft.*

*O sieh, was tummeln sich für schöne Knaben
dort an dem Uferrand auf mut'gen Rossen,
weithin glänzend wie die Sonnenstrahlen;
schon zwischen dem Geäst der grünen Weiden
trabt das jungfrische Volk einher!*

*Das Roß des einen wiehert fröhlich auf
und scheut und saust dahin;
über Blumen, Gräser, wanken hin die Hufe,
sie zerstampfen jäh im Sturm die
hingesunk'nen Blüten.
Hei! Wie flattern im Taumel seine Mähnen,
dampfen heiß die Nüstern!*

*Goldne Sonne webt um die Gestalten,
spiegelt sie im blanken Wasser wider.
Und die schönste von den Jungfrau'n sendet
lange Blicke ihm der Sehnsucht nach.
Ihre stolze Haltung ist nur Verstellung.
In dem Funkeln ihrer großen Augen,
in dem Dunkel ihres heißen Blicks
schwingt klagend noch die Erregung ihres
Herzens nach.*

Da Beleza

Jovens raparigas colhem flores,
colhem flores de lótus na margem do rio.
Entre arbustos e folhas estão sentadas,
juntando flores nos seus regaços e interpelando-se
umas às outras e divertindo-se.

O sol dourado tece as suas formas,
reflectindo-as na água luminosa.
O sol reflecte os seus esbeltos membros,
os seus ternos olhos,
e o Zéfiro levanta e acaricia
o tecido das suas mangas,
conduzindo a magia dos seus perfumes pelo ar.

Oh, vede! Quem serão estes jovens rapazes
ali à borda do rio, em soberbos corcéis,
ao longe brilhando como raios de sol;
já entre os ramos dos verdes salgueiros
aproximam-se a trote os vigorosos rapazes.

O cavalo de um deles relincha alegremente
assusta-se e parte subitamente;
sobre as flores e as ervas estremecem os seus
cascos
pisando, em brusco turbilhão, as flores que se
abatem.
Ei! Como se agitam as suas crinas em alvoroço,
e fumegam os seus quentes narizes!

O sol dourado tece as suas formas,
reflectindo-as na água luminosa.
E a mais bela das raparigas dirige-lhe
longos olhares de desejo ardente.
A sua orgulhosa postura é só um disfarce.
No brilho dos seus grandes olhos,
na escuridão do seu olhar apaixonado,
vibra penosamente a exaltação do seu
coração.

5. Der Trunkene im Frühling

(Hans Bethge/Li Bai)

*Wenn nur ein Traum das Leben ist,
warum denn Müh und Plag?
Ich trinke, bis ich nicht mehr kann,
den ganzen, lieben Tag!*

*Und wenn ich nicht mehr trinken kann,
weil Keh' und Seele voll,
so tauml' ich bis zu meiner Tür
und schlafe wundervoll!*

*Was hör ich beim Erwachen? Horch!
Ein Vogel singt im Baum.
Ich frag ihn, ob schon Frühling sei,
mir ist als wie im Traum.*

*Der Vogel zwitschert: "Ja!
Der Lenz ist da, sei kommen über Nacht!"
Aus tiefstem Schauen lausch ich auf,
der Vogel singt und lacht!*

*Ich fülle mir den Becher neu
und leer ihn bis zum Grund
und singe, bis der Mond erglänzt
am schwarzen Firmament!*

*Und wenn ich nicht mehr singen kann,
*so schlaf ich wieder ein;
Was geht mich denn der Frühling an?
Laßt mich betrunken sein!*

6. Der Abschied

(Hans Bethge/Mong Kao Yen e Wang Wei)

*Die Sonne scheidet hinter dem Gebirge.
In alle Täler steigt der Abend nieder
mit seinen Schatten, die voll Kühlung sind.
O sieh! Wie eine Silberbarke schwebt
der Mond am blauen Himmelssee herauf.
Ich spüre eines feinen Windes Weh'n
hinter den dunklen Fichten!*

O Bêbado na Primavera

Se a vida não passa de um sonho,
porquê, então, a fadiga e o tormento?
Eu bebo até não poder mais,
todo o santo dia!

E quando não posso beber mais,
porque garganta e alma estão cheios,
então cambaleio até à minha porta
e durmo maravilhosamente!

Que ouço eu quando acordo! Escuta!
Um pássaro canta na árvore.
Pergunto-lhe se a Primavera já chegou,
para mim é como um sonho.

O pássaro chilreia: "Sim!
A Primavera chegou, veio durante a noite!"
Em profunda contemplação eu escuto,
o pássaro que canta e ri!

Encho de novo o meu copo
e esvazio-o até ao fundo
e canto, até a lua brilhar
no negro firmamento!

E quando não posso mais cantar,
então durmo de novo.
Que me importa a Primavera?
Deixai-me com a minha embriaguez!

A Despedida

O sol desaparece por trás das montanhas.
Em todos os vales desce o anoitecer
com as suas sombras plenas de frescura.
Oh, vede! Como um barco de prata a pairar,
a lua eleva-se no mar azul do céu.
Sinto o sopro de uma brisa delicada
atrás dos pinheiros sombrios!

*Der Bach singt voller Wohllaut durch das Dunkel.
Die Blumen blassen im Dämmerchein.
Die Erde atmet voll von Ruh und Schlaf,
alle Sehnsucht will nun träumen.
Die müden Menschen geh'n heimwärts,
um im Schlaf vergeß'nes Glück
und Jugend neu zu lernen!
Die Vögel hocken still in ihren Zweigen.
Die Welt schläft ein!*

*Es wehet kühl im Schatten meiner Fichten.
Ich stehe hier und harre meines Freundes;
Ich harre sein zum letzten Lebewohl.
Ich sehne mich, o Freund, an deiner Seite
die Schönheit dieses Abends zu genießen.
Wo bleibst du? Du läßt mich lang allein!
Ich wandle auf und nieder mit meiner Laute
auf Wegen, die vom weichen Grase schwellen.
O Schönheit! O ewigen Liebens-, Lebens-
trunk'ne Welt!*

*Er stieg vom Pferd
und reichte ihm den Trunk des Abschieds dar.
Er fragte ihn, wohin er führe
und auch warum es müßte sein.
Er sprach, seine Stimme war umflort:
Du, mein Freund,
mir war auf dieser Welt das Glück nicht hold!*

*Wohin ich geh'? Ich geh', ich wand're in die Berge.
Ich suche Ruhe für mein einsam Herz.
Ich wandle nach der Heimat, meiner Stätte.
Ich werde niemals in die Ferne schweifen.
Still ist mein Herz und harret seiner Stunde!*

*Die liebe Erde allüberall
blüht auf im Lenz und grünt aufs neu!
Allüberall und ewig blauen licht die Fernen!
Ewig... ewig...*

O ribeiro canta harmoniosamente na escuridão.
As flores empalidecem no crepúsculo.
A terra respira do fundo do sono e do silêncio,
todo o desejo se transforma agora em sonho.
Os homens cansados voltam para casa,
para no sono reaprenderem
a felicidade esquecida e a juventude!
Os pássaros acocoram-se em silêncio nos seus
ramos. / O mundo adormece!

O sopro fresco na sombra dos meus pinheiros.
Eu estou aqui e espero o meu amigo;
espero o seu último adeus.
Anseio, ó meu amigo, desfrutar ao teu lado
da beleza deste anoitecer.
Onde ficaste? Deixas-me muito tempo sozinho!
Vagueio, para lá e para cá, com o meu alaúde,
por caminhos de erva macia e intumescida.
Ó beleza! Ó mundo ébrio de amor e vida eternos!

Ele desceu do cavalo
e estendeu-lhe a bebida da despedida.
Perguntou-lhe para onde iria
e por que razão teria de ser assim.
Ele disse, com a voz velada:
“Ó, meu amigo,
a felicidade não foi me favorecer neste mundo!

Para onde vou? Eu vou, vagueio nas montanhas.
Procuro repouso para o meu solitário coração.
Caminho para a minha terra, o meu lugar.
Nunca mais vaguearei na distância.
O meu coração está tranquilo e aguarda a sua hora!”

Em toda a parte a amada terra
floresce na Primavera e torna a verdejar!
Em toda a parte, eternamente, resplandece o azul
no horizonte! / Eternamente... eternamente...

Stefan Blunier direcção musical

Stefan Blunier tornou-se Maestro Titular da Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música no início de 2021. Para além dos seus compromissos no Porto, a temporada 2021/22 levou-o a dirigir a Orquestra da Suíça Romanda, a Sinfónica de Berna, a Orquestra Estatal de Darmstadt, a Sinfónica da Ópera de Toulon e a Sinfónica de Singapura. Regressa à Deutsche Oper am Rhein com *Macbeth* de Verdi.

Depois do grande sucesso que foi a nova produção de *Wozzeck* de Berg, no Grand Théâtre de Genève, em 2017, Blunier foi imediatamente convidado para uma nova produção de *O Barão Cigano*. Dirigiu depois *Lohengrin* na Ópera de Frankfurt, onde foi também bem-sucedido com *Daphne*, *Tristão e Isolda* e *Carmen*. É convidado frequente da Ópera Alemã de Berlim, onde se apresentou recentemente com *Carmen*, *Salomé* e *O Morcego*. Dirigiu *Diálogos das Carmelitas* de Poulenc na Ópera Estatal de Hamburgo, *Os Contos de Hoffmann* na Den Norske Opera (Oslo) e na Komische Oper (Berlim), e ainda uma nova produção de *Der ferne Klang* de Schreker na Ópera Real Sueca.

Com produções como *Der Golem* de Eugen d'Albert e *Irrelohe* de Schreker, Stefan Blunier ajudou a Orquestra Beethoven de Bona e a Ópera de Bona a conquistarem prestígio para lá da sua região, durante o período em que foi Director Geral de Música da cidade, até 2016. Ambas as óperas foram editadas pela Dabringhaus & Grimm e receberam vários prémios: ECHO 2011 (*Golem*) e 2012 (*Irrelohe*), bem como o Prémio da Crítica Discográfica Alemã 2012 (*Irrelohe*). O seu trabalho com esta orquestra incluiu a gravação de uma impressionante discografia, com obras raramente apresentadas de Anton Bruckner, Franz Liszt e Franz Schmidt, bem como a criação de um ciclo dedicado a Beethoven.

Como maestro de ópera, Stefan Blunier tem-se apresentado em cidades como Munique, Hamburgo, Leipzig, Estugarda, Montpellier, Oslo, Berna e Londres. Como convidado, dirigiu praticamente todas as orquestras sinfónicas das rádios alemãs, a Orquestra da Gewandhaus de Leipzig, a Sinfónica de Duisburg, o Frankfurt Museumskonzerte e muitas orquestras da Dinamarca, da Bélgica, do Extremo Oriente, da Suíça e de França. Mais recentemente, dirigiu a Sinfónica NHK (Japão), a Sinfónica Escoceza da BBC, a Sinfónica Nacional da Irlanda, a Filarmónica de Estugarda, a Sinfónica do Porto Casa da Música, as Filarmónicas de Rheinland-Pfalz e do Sul da Holanda, a Orquestra da Rádio Norueguesa e a Century Symphony Orchestra de Osaka. Paralelamente aos seus compromissos em Bona, foi Maestro Convidado Principal da Orquestra Nacional da Bélgica (2010-2013).

Natural de Berna (Suíça), Stefan Blunier estudou piano, trompa, composição e direcção de orquestra em Berna e na Escola Superior Folkwang, em Essen. É fundador do Ensemble für Neue Musik Essen. Depois das bem-sucedidas participações nos Concursos de Direcção de Besançon e Malko, foi nomeado Maestro Titular Associado em Mannheim e Director Musical e Maestro Titular em Darmstadt (2001-2008), antes de assumir o seu mandato como Director Geral de Música da Ópera e da Orquestra Beethoven de Bona (2008-2016).

Eduarda Melo soprano

Formada em Canto pela Escola Superior de Música e das Artes do Espectáculo do Porto, Eduarda Melo integrou o Estúdio de Ópera da Casa da Música e o elenco do prestigiado CNIPAL em Marselha.

Foi galardoada com o 2.º prémio do Concurso Internacional de Canto de Toulouse. Tem sido convidada para numerosos festivais na Europa e canta sob a direcção de maestros como Marc Minkowski, Jérémie Rohrer, Ton Koopman, Hervé Niquet, Jean-Claude Casadesus e Antonello Allemandi, em prestigiadas casas de ópera (Glyndebourne, Marselha, Lille, Nice, Caen, Dijon, Paris, Lisboa).

No domínio da ópera destacam-se os papéis de Irmã Constance (*Dialógos das Carmelitas*), Euridice (*Orfeu e Euridice*), Corinna (*Il Viaggio a Reims*), Princesa Laoula (*L'Étoile*), Rosina (*O Barbeiro de Sevilha*), Elvira (*L'Italiana in Algeri*), Norina (*Don Pasquale*), Musetta (*La Bohème*), Despina (*Così fan tutte*), Primeira Dama (*A Flauta Mágica*), Rinaldo (*Armida* de Josef Mysliveček), Stéphano (*Romeo et Juliette*), Frasquita (*Carmen*), Gabrielle (*La Vie Parisienne*), Valencienne (*La Veuve Joyeuse*) e Elle (*La voix humaine*).

No âmbito da música contemporânea tem participado em criações de António Pinho Vargas, Nuno Côrte-Real, Luís Tinoco e Nuno da Rocha. Colabora regularmente com Le Concert de la Loge (Julien Chauvin), Divino Sospiro e Ludovice Ensemble. Entre os seus compromissos destacam-se os papéis de Zerlina (Mozart) na Ópera de Avignon e Dalinda (*Ariodante* de Händel) no Teatro Nacional de São Carlos.

Christine Rice meio-soprano

Christine Rice estudou na Royal Northern College of Music. Apresentou-se em obras como *Carmen*, *The Rape of Lucretia*, *Os Contos de Hoffman* (Giulietta), *Otello* (Emilia), *Lady Macbeth do distrito de Mtsensk* (Sonyetka), *El ángel exterminador* (Blanca), *O Castelo do Barba Azul* (Judite), *Rigoletto* (Maddalena) e *Ascensão e Queda da Cidade de Mahagonny* (Jenny Smith). Fez a estreia mundial, no Covent Garden, de *The Minotaur* de Birtwistle, como Ariadne, e de *The Tempest* de Adès, como Miranda. Estreou-se na Metropolitan Opera de Nova Iorque como Hansel (*Hänsel und Gretel*) e Giulietta (*Os Contos de Hoffmann*), e tem cantado nos principais palcos de ópera, incluindo a Ópera da Baviera, o Teatro Real de Madrid, a Ópera Nacional Holandesa, o Teatro di San Carlo, as Óperas de Seattle, Frankfurt, Zurique e Genebra, a Ópera Alemã de Berlim e o Glyndebourne Festival Opera.

Em concerto, foi solista no *Requiem* de Verdi com a Orquestra de Filadélfia sob direcção de Yannick Nézet-Séguin, na *Paixão segundo São João* com Simon Rattle e a Orchestra of the Age of Enlightenment e na *Paixão segundo São Mateus* com John Nelson. Fez a estreia de *Closer To My Own Life* de Harbison, com a Orquestra da Metropolitan de Nova Iorque, no Carnegie Hall.

Entre os seus compromissos futuros e recentes encontram-se concertos nos Proms e obras como *Phaedra* de Britten na Royal Opera House (Covent Garden), *L'Enfance du Christ* (Lyon), *Messias* (numa produção de Deborah Warner em Lyon e Paris), *Jenufa* no papel de Kostelnička (Rouen), *Rusalka* como Ježibaba (Garsington), *Luisa Miller* no papel de Federica (English National Opera) e *Scheherazade* de Ravel com a Filarmónica de Londres.

Toby Spence tenor

Diplomado com distinção no New College de Oxford, Toby Spence estudou também na Guildhall School of Music and Drama. Em 2011, foi premiado como “Melhor Cantor do Ano” pela Royal Philharmonic Society.

Apresentou-se com as mais prestigiadas orquestras e foi solista convidado do Festival da Páscoa de Salzburgo e do Festival Internacional de Edimburgo. Trabalhou com maestros como Christoph von Dohnányi, Simon Rattle, Michael Tilson Thomas, Antonio Pappano, Valery Gergiev, Colin Davis, Yannick Nézet-Séguin, Gustavo Dudamel, Edward Gardner, Roger Norrington e Charles Mackerras. Fez recitais na BBC Radio 3 e no Wigmore Hall (Londres) e gravou para as editoras Deutsche Grammophon, Decca, BMG, Philips, Collins, Linn Records, Hyperion e EMI.

Na temporada 2020/21 estreou-se nos papéis de Aschenbach em *Death in Venice* (Ópera do Reno) e Florestan em *Fidelio* (Ópera de Garsington e Opera North). Cantou *A Canção da Terra* com a Orquestra do Festival de Budapeste e Iván Fischer, em Vicenza, *Serenade* de Britten e *Songs of Isolation* de Huw Watkin com a Academy of St Martin in the Fields, e *Pulcinella* com a Orquestra de Câmara de Londres. Participou na gravação de um projecto da BBC Radio 3 com música de Britten e Wolf.

Em 2021/22 estreia-se como Alwa em *Lulu* (La Monnaie) e no papel principal de *Parsifal* (Opera North). Canta *A Canção da Terra* com a Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música e Stefan Blunier; Jack em *The Midsummer Marriage* de Michael Tippett, com a Filarmónica de Londres e Edward Gardner; *Requiem* de Mozart com a Filarmónica de Malta e Lawrence Renes; e *The Kingdom* de Elgar com a Filarmónica de Cracóvia e Paul Goodwin. Destaca-se ainda a sua estreia no Teatro alla Scala de Milão.

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

Stefan Blunier maestro titular

Christian Zacharias maestro convidado principal

Leopold Hager maestro emérito

A Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música tem sido dirigida por reputados maestros, de entre os quais se destacam Stefan Blunier, Baldur Brönnimann, Olari Elts, Peter Eötvös, Heinz Holliger, Elihu Inbal, Michail Jurowski, Christoph König, Reinbert de Leeuw, Andris Nelsons, Vasily Petrenko, Emilio Pomàrico, Peter Rundel, Michael Sanderling, Vassily Sinaisky, Tugan Sokhiev, John Storgårds, Joseph Swensen, Ilan Volkov, Jörg Widmann, Ryan Wigglesworth, Antoni Wit, Christian Zacharias e Lothar Zagrosek. Diversos compositores trabalharam também com a orquestra, no âmbito das suas residências artísticas na Casa da Música, destacando-se os nomes de Emmanuel Nunes, Jonathan Harvey, Kaija Saariaho, Magnus Lindberg, Pascal Dusapin, Luca Francesconi, Unsuk Chin, Peter Eötvös, Helmut Lachenmann, Georges Aperghis, Heinz Holliger, Harrison Birtwistle, Georg Friedrich Haas, Jörg Widmann e Philippe Manoury.

A Orquestra tem pisado os palcos das mais prestigiadas salas de concerto de Viena, Estrasburgo, Luxemburgo, Antuérpia, Roterdão, Valladolid, Madrid, Santiago de Compostela e Brasil, estando programada para 2021 a sua primeira actuação na emblemática Philharmonie de Colónia. Ainda este ano, apresenta um ciclo dedicado às sinfonias de Sibelius e novas encomendas da Casa da Música aos compositores Luca Francesconi, Francesco Filidei e Carlos Lopes.

As temporadas recentes da Orquestra foram marcadas pela interpretação das integrais das Sinfonias de Mahler, Prokofieff, Brahms e Bruckner; dos Concertos para piano e orquestra de

Beethoven e Rachmaninoff; e dos Concertos para violino e orquestra de Mozart. Em 2011, o álbum “Follow the Songlines” ganhou a categoria de Jazz dos prestigiados prémios Victoires de la musique, em França. Em 2013 foram editados os concertos para piano de Lopes-Graça, pela Naxos, e o disco com obras de Pascal Dusapin foi Escolha dos Críticos na revista Gramophone. Nos últimos anos surgiram os discos monográficos de Luca Francesconi (2014), Unsuk Chin (2015), Georges Aperghis (2017), Harrison Birtwistle (2020) e Peter Eötvös (2021), além de obras de compositores portugueses e da integral dos Concertos para piano e orquestra de Rachmaninoff (2017), todos com gravações ao vivo na Casa da Música.

A origem da Orquestra remonta a 1947, ano em que foi constituída a Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto, que desde então passou por diversas designações. Após a extinção das Orquestras da Radiodifusão Portuguesa, foi fundada a Régie Cooperativa Sinfonia (1989-1992), vindo posteriormente a ser criada a Orquestra Clássica do Porto e, mais tarde, a Orquestra Nacional do Porto (1997), alcançando a formação sinfónica com um quadro de 94 instrumentistas em 2000. A Orquestra foi integrada na Fundação Casa da Música em 2006, vindo a adoptar a actual designação em 2010.

Violino I

Álvaro Pereira
Vladimir Tolpygo*
Radu Ungureanu
Ianina Khmelik
Maria Kagan
José Despujols
Roumiana Badeva
Andras Burai
Tünde Hadadi
Evandra Gonçalves
Emília Vanguelova
Vladimir Grinman
Vadim Feldblioum
Alan Guimarães

Violino II

Nancy Frederick
Tatiana Afanasieva
Catarina Martins
Karolina Andrzejczak
Lilit Davtyan
Pedro Rocha
José Paulo Jesus
Francisco Pereira de Sousa
Domingos Lopes
Paul Almond
Nikola Vasiljev
Diogo Coelho*

Viola

Mateusz Stasto
Anna Gonera
Jean Loup Lecomte
Francisco Moreira
Luís Norberto Silva
Emília Alves
Rute Azevedo
Theo Ellegiers
Hazel Veitch
Biliana Chamlieva

Violoncelo

Nikolai Gimaletdinov
Feodor Kolpachnikov
João Cunha
Irene Alvar
Michal Kiska
Bruno Cardoso
Aaron Choi
Hrant Yeranossyan

Contrabaixo

Rui Rodrigues
Florian Pertzborn
Jorge Villar Paredes
Tiago Pinto Ribeiro
Nadía Choi
Slawomir Marzec

Flauta

Paulo Barros
Ana Maria Ribeiro
Alexander Auer
Angelina Rodrigues

Oboé

Aldo Salvetti
Tamás Bartók
Roberto Henriques

Clarinete

Luís Silva
Pedro Silva*
João Moreira
Gergely Suto

Saxofone

Fernando Ramos*

Fagote

Gavin Hill
Robert Glassburner
Vasily Suprunov

Trompa

Nuno Vaz

Eddy Tauber

Hugo Carneiro

José Bernardo Silva

Bohdan Sebestik

Trompete

Sérgio Pacheco

Ivan Crespo

Luís Granjo

Trombone

Severo Martinez

Dawid Seidenberg

Nuno Martins

Tuba

Sérgio Carolino

Tímpanos

Jean-François Lézé

Percussão

Paulo Oliveira

Nuno Simões

André Dias*

Harpa

Ilaria Vivan

Erica Versace*

Piano/Celesta

Luís Filipe Sá*

Bandolim

David Rodrigues*

*instrumentistas convidados

APOIO INSTITUCIONAL

MECENAS PRINCIPAL CASA DA MÚSICA

